

MONOTIPIA BOTÂNICA: Arte, Mata atlântica e Patrimônio cultural ¹

LOREDO, Marcelle de Souza ²
NASCIMENTO, Elinete Antunes de Sá do ³

RESUMO: A pesquisa foi conduzida por meio do Subprojeto Belas Artes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência 2022 da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com o propósito de explorar os patrimônios culturais e ambientais de Itaguaí, onde a escola campo está localizada. A partir da análise pedagógica das metodologias empregadas pela professora supervisora Elinete Nascimento em uma escola pública de Itaguaí, em 2023 foi desenvolvida a oficina de Monotipia Botânica utilizando o pigmento extraído do urucum, ofertada aos alunos periféricos do 9º ano do ensino fundamental e na SNCT (Semana Nacional de Ciência e Tecnologia) da UFRRJ. Este trabalho enfatiza a importância de valorizar a cultura tupi-guarani e os patrimônios da cidade, considerando a localização da escola em um território ancestralmente indígena na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Além de embasar-se em referências teóricas da arte/educação, a oficina incorporou as diretrizes das leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 para promover uma abordagem artística decolonial. A oficina destacou as palavras da língua tupi presentes em nosso cotidiano, nas ruas e bairros da cidade, estimulando a consciência ambiental, a valorização cultural e a conexão com o território.

PALAVRAS-CHAVE: Arte-educação decolonial, monotipia botânica, patrimônio cultural, pibid, pigmento natural.

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi realizada durante o estágio no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência de Licenciatura em Belas Artes da UFRRJ 2022 (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), onde foi proposto pelos professores coordenadores Fábio de Macedo e Marcelo Amaral, a criação de um plano de aula como regência nas turmas de ensino fundamental da escola campo, onde a turma 9º ano A foi escolhida para promoção da oficina “Monotipia Botânica: arte, mata atlântica e patrimônio cultural”, sob supervisão da professora preceptora Elinete Nascimento.

¹ Este artigo é fruto de investigação financiada pelo Programa de Iniciação à Docência do Edital CAPES 2022 com bolsa para Coordenação, Supervisão e oito licenciandos, e dois voluntários.

² Graduanda do Curso de Belas Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Pibid Belas Artes 2022, UFRRJ, Autora, Bolsista Capes, Campus Seropédica, marcesloredo@gmail.com

³ Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Preceptora do Pibid Belas Artes 2022 UFRRJ, Orientadora e Co-autora, Bolsista Capes, Campus Seropédica, elineteantunes@yahoo.com.br

Baseando-se nos conteúdos pedagógicos antirracistas e de patrimônio cultural excepcionais aplicados pela professora da escola campo, dentro e fora da sala de aula, e ao perceber a necessidade de incluir conteúdos educativos que enaltecem nossos povos originários e suas diferentes culturas, resolvi buscar referências que mostrassem a presença desses saberes ancestrais em nosso cotidiano, sobretudo a língua Tupi Guarani, já que a escola está inserida no município de Itaguaí, um território ancestralmente indígena, situado na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), o nome do município da escola campo, "Itaguaí", deriva da junção de duas palavras da língua Tupi, possuindo duas versões significativas: "Ita" que significa "pedra" e "guay" que significa "lago", sendo assim, "Lago entre Pedras". E em outra versão, "Tagoahy", que significa "Rio de água Amarela". Além do nome da cidade, há também diversos bairros e ruas com nomes em Tupi Guarani, como "Piranema", "Ibirapitanga", "Itimirim", etc.

Para objetivar essa pesquisa e para demonstrar a influência da língua Tupi Guarani em nosso vocabulário, utilizou-se a leitura do livro "O tupi que você fala" (Fragata, 2018), ilustrado por Maurício Negro. Neste livro, é evidente a marcante presença de diversas palavras em Tupi Guarani, como por exemplo: abacaxi, amendoim, caju, capivara, guaraná, paçoca, pipoca, sabiá e samambaia. Palavras essas que ainda são utilizadas em nosso dia a dia, mesmo que não tenhamos plena consciência disso, devido ao contexto da colonização e da língua portuguesa imposta sobre nós.

A atividade arte-educativa de Monotipia Botânica com pigmento extraído do urucum durou cerca de 1h30min em cada oficina aplicada. Na escola campo, contou com a participação engajada de uma turma de 9º ano, com cerca de 25 alunos periféricos, com idades entre 14 e 17 anos. Na SNCT (Semana Nacional de Ciência e Tecnologia) da UFRRJ, contamos com a presença de cerca de 15 participantes, sendo eles professores e graduandos do curso de Licenciatura em Belas Artes. Além disso, através da PROEXT (Pró Reitoria de Extensão), foi possível cadastrar um manual demonstrativo e experimental da oficina como projeto material de extensão.

A realização da oficina utilizando uma metodologia expositiva e de trabalho ativo, teve grande importância, pois não só ensinou sobre os princípios da Monotipia, como também resgatou o saber ancestral do uso do urucum como pigmento nas pinturas corporais dos povos originários, mas também promoveu a percepção e conexão ambiental e a necessidade de preservar as diversidades das nossas florestas e os saberes étnicos-culturais.

A monotipia é uma técnica que surgiu em meados do século XVII, mas que ganhou popularidade no século XIX através de artistas como Edgar Degas e Camille Pissarro. Como o nome já diz, trata-se de uma técnica imprevisível e experimental, que por meio de uma matriz plana, que não foi talhada ou gravada, resulta na impressão de uma única imagem. Por produzir apenas uma gravura por tiragem, seus exemplares tornam-se raros. (Tavares, 2019)

Na atividade proposta, plantas e ervas medicinais, frescas e secas em uma prensa botânica, coletadas no entorno da Escola Campo, da Universidade, da horta da professora Elinete, do meu companheiro e do jardim de minha mãe, foram utilizadas como matrizes para a confecção das monotipias botânicas. Para a criação do pigmento natural, utilizou-se sementes de urucum, cola branca e água. Como suporte para a impressão das plantas, foram utilizadas placas de gelatina feitas com gelatina sem sabor, água e glicerina destilada.

A escolha desses elementos naturais como matrizes para a impressão foi justamente para correlacionar a relação de preservação entre nossas florestas e os povos indígenas, que com seu conhecimento tradicional desempenham um papel crucial na proteção da fauna e flora brasileira. Além de ensinar sobre a monotipia botânica e sua aplicação teórica e prática, a atividade provocou reflexões profundas sobre as raízes originárias da cidade de Itaguaí, do Parque Estadual Cunhambebe de conservação da Mata Atlântica e toda a Costa Verde como territórios ancestrais indígenas do estado do Rio de Janeiro.

2 METODOLOGIA

Nessa pesquisa, foi utilizada a metodologia teórico-prática e experimental, tendo como base alunos do 9º ano do ensino fundamental da escola campo Escola Municipal das Acácias, localizada no município de Itaguaí e a SNCT 2023 (Semana

Nacional de Ciência e Tecnologia) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, através do subprojeto PIBID Belas Artes 2022 da UFRRJ.

Utilizou-se também, pesquisas bibliográficas e documentais. Os dados obtidos se deram por meio da oficina “Monotipia Botânica: arte, mata atlântica e patrimônio cultural”, que além de refletir sobre a cultura originária do local em que a escola reside, também contou com a prática de confecções de monotipias botânicas com o pigmento extraído do urucum, proporcionando a compreensão sobre a importância dos patrimônios culturais e naturais presentes, despertando a valorização desses espaços e integrando os conhecimentos de arte educação patrimonial e ambiental.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio do contato com insumos naturais, os alunos puderam identificar o nome popular e científico dos mesmos e o seu uso medicinal, potencializando a valorização desses saberes tradicionais e da consciência ambiental. Nesse contexto, foi relacionado também a presença do Parque Estadual Cunhambebe, que segundo dados do INEA/GOV foi criado após o decreto Estadual nº 41.358, de 13 de junho de 2008. Com cerca de 38.076,67 hectares, o Parque abrange os municípios de Angra dos Reis, Mangaratiba, Rio Claro e Itaguaí, área conhecida como "Costa Verde". Sua existência promove a preservação da Mata Atlântica, além de

“recuperar as áreas degradadas ali existentes; possibilitar a conectividade dos maciços florestais da Bocaina e do Tinguá; manter populações de animais e plantas nativas e oferecer refúgio para espécies raras, vulneráveis, endêmicas e ameaçadas de extinção da fauna e flora nativas; preservar montanhas, cachoeiras e demais paisagens notáveis contidas em seus limites; oferecer oportunidades de visitação, recreação, aprendizagem, interpretação, educação, pesquisa, e relaxamento; estimular o turismo e a geração de empregos e renda; assegurar a continuidade dos serviç os ambientais.” (BRASIL, RIO DE JANEIRO. Instituto Estadual do Ambiente)

Ao articular os conhecimentos teóricos e práticos acerca dos patrimônios naturais e culturais que os cercam e ao serem orientados a como a impressão botânica funciona e como utilizar os materiais disponibilizados, os alunos puderam através da oficina, se aventurarem na experimentação e confeccionarem as monotipias botânicas com pigmento extraído do urucum. Possibilitando assim, uma certa autonomia e independência no processo de ensino-aprendizagem e do

processo criativo, além de reforçar a absorção, a reflexão e compreensão das temáticas e técnicas abordadas.

A atividade envolve duas áreas, que apesar de distintas — como as artes e a botânica — ainda assim possuem em seu cerne uma certa complementação no que tange aos conhecimentos culturais e sustentáveis. Estimulando uma conexão mais profunda com os saberes tradicionais e biodiversos, culminando no desenvolvimento da sensibilidade estética e da consciência ambiental. Essa intersecção entre áreas atua de forma significativa, contribuindo para a diversidade e fomentando um ensino inovador.

Para os alunos, a oficina foi muito produtiva, pois mesmo não possuindo conhecimento prévio da técnica e nem o contato com o pigmento natural, foram capazes de serem criadores de suas obras artísticas logo ao primeiro contato. Demonstraram também, uma maior sensibilidade com as temáticas étnico-raciais que abrangem a oficina, reconhecendo a importância do urucum como um pigmento ancestral utilizado pelos povos originários em suas pinturas corporais. Houve também um relato afetivo de um aluno, que ao ver as sementes de urucum, lembrou que a sua avó todos os anos faz a colheita do fruto para temperar alimentos que eles mesmos consomem e para a venda artesanal.

Em ‘Arte/Educação: Leitura no subsolo’ (Barbosa, 2013, p. 45), a autora questiona: “[...] que multiculturalidade é esta que cultivamos quando menosprezamos o conhecimento da cultura autóctone?”. Muito é falado sobre a importância da diversidade cultural, mas percebe-se ainda a ausência de ênfase no reconhecimento da contribuição das artes indígenas para o nosso repertório artístico cultural e a pouca abordagem dessas temáticas decoloniais em sala de aula e no meio acadêmico. Por esse motivo, a necessidade de implementação de atividades educativas como essa no ensino de artes.

A autora ressalta também, “a necessidade de estudar as diferenças para chegarmos a estabelecer as comunalidades”. Afirma ainda que: “[...] é plausível conceber um currículo que promova uma reflexão sobre a natureza e a função das reações estéticas próprias do indivíduo.” (Barbosa, 2013, p. 37 e 82). Ou seja, ao promover um currículo educacional que leve os alunos a reconhecerem e compreenderem as diversas expressões artísticas, podemos alcançar um

conhecimento mais amplo e integrado, contribuindo para a reflexão sobre suas experiências estéticas e desenvolvimento pessoal e cultural.

A oficina de monotipia botânica pode ser trabalhada de outras maneiras, abordando diferentes temáticas que podem ser integradas, como por exemplo, o estudo das diferentes linhas presentes nas nervuras dos insumos naturais e anatomia das folhas, já que a impressão resulta em uma nítida visualização das mesmas. Pode-se utilizar outros pigmentos, que se forem mais homogêneos como as tintas guaches, poderão resultar em impressões mais precisas, visto que o pigmento artesanal de urucum acaba sendo mais líquido e possui uma certa complexidade na preparação e no uso.

Recomenda-se também, papeis de diferentes gramaturas para a experimentação. Foi percebido que na monotipia com o pigmento de urucum, os papeis de gramatura mais baixa, como o ofício, resultaram em uma impressão mais precisa. Mas é preciso cuidado para não exagerar na quantidade de pigmento, pois por ser líquido, pode romper a folha. O ideal é utilizar pinceis e aplicar por toda extensão das folhagens e pressioná-las sobre o papel, com o auxílio de uma placa de gelatina ou apenas com as mãos. No caso do uso da placa de gelatina, se faz necessário a limpeza da mesma com um lenço umedecido a cada impressão para não manchar o papel com os resíduos da impressão anterior.

O ensino da monotipia pode ser utilizado para diferentes faixas etárias, já que por ser uma atividade manual, cultural e possuir o contato com a natureza, exerce um desempenho significativo para a cognição e criatividade. O psicólogo russo Lev Vygotsky (1896-1934) destaca em suas pesquisas o papel essencial do conhecimento histórico-cultural no processo de ensino-aprendizagem. Segundo ele, é por meio do contato com a cultura produzida no cotidiano, em um ambiente coletivo, que ocorre a promoção do desenvolvimento cognitivo. (Coelho, L., & Pisoni, S., 2012).

É imprescindível a compreensão dos materiais utilizados e do objetivo da aplicação dos mesmos, como é destacado em 'Intuição e intelecto na arte, 1989':

"Primeiramente, os materiais a serem usados devem possuir ordem inerente e permitir a criação de tal ordem a um nível de compreensão acessível à criança. As crianças não podem adquirir o domínio daquilo que não compreendem, e quando são incapazes de compreender, só lhes resta fecharem-se em si mesmas." (Arnheim, 1989, p. 251)

Figura 01. Materiais utilizados na oficina.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 02. Monotipias produzidas pelos alunos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 03. Oficina de Monotipia Botânica na SNCT UFRRJ.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem aplicada na oficina de monotipia botânica muito se alinha a prática decolonial, pois ao trabalhar com uma temática que envolve a diversidade, a valorização dos patrimônios culturais e naturais presentes no ambiente vivido, fez com que se estabelecesse a conexão com o território, a construção da identidade e despertou a consciência de preservação do ambiente.

Percebeu-se que muitos dos alunos não conheciam a influência da etnia Tupi-Guarani na construção da história da Costa Verde, sobretudo da cidade de Itaguaí. Desconheciam também, o Parque Estadual Cunhambebe, unidade de preservação ambiental, com o nome de uma liderança indígena Tupinambá, presente em uma região próxima da localização da escola, na Serra do Piloto.

Por meio desta prática educativa, os alunos puderam identificar a diversidade que os cercam e as raízes ancestrais ali existentes, além de reforçar as questões étnico-raciais trabalhadas pela professora preceptora Elinete Nascimento, que com excelência produz conteúdos de ensino com práticas antirracistas, sejam elas teóricas, práticas ou por meio de aulas passeios.

Foi nítido o encantamento pelo processo criativo e produtivo por parte dos alunos ao perceberem que até a impressão das folhagens poderiam se tornar uma obra de arte e dali saírem muitos conhecimentos, desde como fazer monotipia, o pigmento artesanal de urucum, as placas de gelatina, a origem do território e seus patrimônios, ao enriquecimento de seus repertórios culturais.

A criação da oficina de Monotipia Botânica com pigmento extraído do urucum só foi realizada em virtude do Subprojeto PIBID de Artes 2022 no qual faço parte e que em toda sua extensão foi ensinado pelo Professor Coordenador Marcelo Amaral, a importância da Educação Museal e do Patrimônio Cultural. Concretizou-se também, graças ao ensino antirracista trabalhado pela professora Elinete na escola campo, que muito me inspirou e serviu de referencial para esta e outras pesquisas.

5 AGRADECIMENTOS

Sou grata ao I CONENORT pela oportunidade de publicação da pesquisa;

Ao PIBID (Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) de Licenciatura em Belas Artes da UFRRJ) pelas oportunidades e experiências inesquecíveis;

Aos coordenadores do Subprojeto PIBID Artes 2022, Fábio Ricardo Reis de Macedo e Marcelo Amaral Coelho. Em especial a motivação dos dois quanto a criação do Manual de Monotipia Botânica mostrando as minhas experimentações, que foi cadastrado pelo professor Marcelo como material de extensão na PROEX (Pró Reitoria de Extensão) da UFRRJ;

A professora perceptora Elinete Antunes de Sá do Nascimento por sempre me motivar e por me orientar nesta pesquisa, além de me proporcionar experiências enriquecedoras e significativas com seus métodos pedagógicos;

A minha mãe e ao meu amor pelos incentivos e ajuda na elaboração do pigmento de urucum e da coleta dos insumos botânicos em seu jardim e horta.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, R. **Intuição e intelecto na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, P. 251.
BARBOSA, A. M. **Arte - Educação: Leitura no subsolo**. 9 São Paulo: Editora Cortez, 2013, P. 36-37, 45 e 82.

BRASIL. Decreto Estadual – Rio de Janeiro. **Decreto Nº 41.358, de 13 de junho de 2008**. Dispõe sobre a criação do Parque Estadual Cunhambebe, 2008.

COELHO, L.; PISONI, S. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**. Revista e-PED, v. 2, n. 1, p. 144-152, 2012. Disponível em: https://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teorica_e_a_influencia_na_educacao.pdf Acesso em: 23 jun. 2023.

FRAGATA, C. **O tupi que você fala**. Projeto Leia para uma criança. Itaú Social. São Paulo: Globo Livros, 2018. 32p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Itaguaí**, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/itaguaui/historico> Acesso em: 08 ago. 2023.

INEA. Instituto Estadual do Ambiente. **Parque Estadual Cunhambebe**. Disponível em: <https://www.inea.rj.gov.br/biodiversidade-territorio/conheca-as-unidades-de-conservacao/parque-estadual-cunhambebe/> Acesso em: 08 ago. 2023.

TAVARES, M. **MONOTIPIA**. 2012. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE DO ALGARVE. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61510224.pdf> Acesso em: 08 mar. 2024.